

A assistência médico-social como campo eugênico na obra do médico Luiz Palmier

HENRIQUE MENDONÇA DA SILVA*

A eugenia desempenhou um papel social na história do recente século XX brasileiro. Negar a sua existência, como forma de proteção contra os excessos das correntes radicais alemãs próximas às idéias de Mendel, não exclui a sua existência, nem a originalidade das questões em que se envolveu por aqui reside na sua particularidade. Fez parte dos gabinetes do governo, misturando ações no campo de saneamento, circulou de um lado ao outro de nossa política imigrantista, esteve nas sessões de nosso poder legislativo, coabitou em nossas tradicionais faculdades (medicina e direito) e morou em nossos consultórios médicos.

Entre as duas guerras mundiais, a eugenia esteve associada a uma série de congressos e conferências e à legislação social sobre bem-estar infantil, saúde materna, direito de família, controle de doenças infecciosas e imigração. Ela estimulou a criação de alguns dos primeiros cursos de genética da região. Debates médicos e jurídicos e atividades legislativas referentes ao papel apropriado do Estado na regulação do matrimônio eram permeados por temas de aprimoramento eugênico (STEPAN, 2004:333).

Sim, nós tivemos nossos momentos de aceitação da eugenia e, considerando o debate historiográfico sobre a questão, desenvolvido nos últimos anos nas obras de (Stepan 1985; 2004), (Diwan 2007) e (Santos 2008), a eugenia entre nós demonstrou organização, volume de ações e capacidade de atrair intelectuais (principalmente cientistas), o que torna importante compreender o movimento por aqui desenvolvido, suas demandas, suas formas de soluções para o horizonte de problemas, as negociações e os grupos envolvidos, o percurso, o campo da ação, as realizações e o conjunto de idéias deixadas pela eugenia em nosso país. Minha colaboração se dá pela apresentação do pensamento eugênico do médico fluminense de nome Luiz Palmier (1893-1955); Palmier esteve envolvido na organização do serviço de saúde, na assistência à maternidade e à infância, na educação e na cultura, no município fluminense de São Gonçalo, em regiões do seu entorno e na Baixada Fluminense, estabelecendo relações com políticos e letrados. Fez parte de um grupo de homens que, na primeira metade do

* Mestrando em história social pelo programa de pós-graduação em história social da UERJ.

século XX, estavam engajados em uma série de discussões e ações acerca de um país e de uma civilização que o ocuparia. Oriundo do interior do Estado do Rio de Janeiro, Sapucaia, cursou a Faculdade de Farmácia de Ouro Preto (MG) em 1912 e em seguida (1914) veio para a então capital federal a fim de estudar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). Propôs em 1916 a fundação da Academia Fluminense de Letras, ajudou também a fundar a Liga Fluminense Contra o Analfabetismo e foi eleito, em 1917, vice-presidente da Federação Fluminense de Escoteiros. Terminada a formação acadêmica em medicina em 1918, segue para São Gonçalo com uma bolsa da fundação Rockfeller para combater a epidemia de gripe que assolava a região, fazendo do lugar sua residência por boa parte da vida e local onde desempenhou o trabalho clínico. Envolveu-se nas mais diversas atividades culturais, médicas, educativas e políticas, o que o fez vereador do município em 1929 e deputado da constituinte do Estado do Rio de Janeiro em 1934. Naturalizou-se entre biógrafos e memorialistas o destaque ao trabalho que desenvolveu para a criação do Hospital de São Gonçalo, de que foi primeiro diretor. Dedicou-se ao ensino em diversos momentos da vida e foi professor nos vários níveis de educação, lecionando também na Faculdade de Medicina de Niterói (hoje, UFF) e dirigindo instituições de ensino como o Liceu Nilo Peçanha e a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro (onde também era professor). Autor de diversos livros e periodista com grande volume textual, teve suas realizações consagradas nomeando uma rua em Niterói, uma escola, uma praça e um hospital municipal em São Gonçalo (o mesmo que ele inaugurou em 1934).

O texto abre caminho à reflexão sobre o pensamento eugênico na obra de Palmier, discussão ainda não abordada por biógrafos e pesquisadores do campo intelectual fluminense, aponta as ações eugênicas que o médico se esforçava em implantar e as influências advindas do movimento em sua época.

O SR. LUIZ PALMIER: Importante é também o outro¹ que vou citar e que encerra uma idéia avançada. As idéias avançadas são agora combatidas. Penso, porém, que em matéria de assistência médico-social, elas serão toleradas, mesmo em se tratando das mais avançadas.

O Sr. Clodomiro Vasconcellos: Desde que não avance até ao extremo.

O Sr. Oscar Przewodowski: O receio, na hora que corre, é ser extremista.

O SR. LUIZ PALMIER: Outro aspecto a que me referirei é o da esterilização, focalizado, principalmente pela lei alemã, rigorosa demais para o momento, e que tem

¹ No discurso proferido na 52ª sessão da Assembléia, no dia 13 de dezembro de 1935, ele levanta três pontos da proteção eugênica da nação: exames pré-nupciais, esterilização e combate a doenças venéreas (delito de contágio).

nesse instante as minhas restrições porque não pode ser executada amplamente mas que ficará como um exemplo para o futuro, lei que por certo será mais tarde adotada por outros países.

O Sr. Ruy de Almeida: V. Excia Sugere à casa a adoção dessa medida?

O SR. LUIZ PALMIER: Estou tratando de assunto de eugenia. Pretendo oferecer emendas ao projeto para que a Assembleia cuide da matéria com carinho e atenção.

Sr. Ruy de Almeida: V. Excia. está discutindo muito bem o assunto.

O SR. LUIZ PALMIER: Muito obrigado a Vossa Excelência. Vou me referir agora a um outro ponto sobre o qual não apresento emendas porquanto a Assembleia Estadual não lhe pode dar solução. Isso compete à Constituição Federal. Apenas a ele aludo para que saiba que foi objeto de nossa atenção.

A esterilização, que é praticada em diversos países do mundo, inclusive na América do Norte, na Suécia e ultimamente na Alemanha - isto eu digo, porque não estou exclusivamente no meio de médicos, mas para leigos que porventura leiam os nossos anais - devo dizer que não se trata de castração. Trata-se somente de esterilização, que é o problema máximo defendido pelos eugenistas do mundo inteiro, e que portanto mais tarde ou mais cedo terá que fazer parte da legislação brasileira, em benefício da nossa raça e das gerações futuras².

A eugenia em Palmier era encarada como uma demanda da assistência social: “a eugenia é hoje o elemento básico por excelência de toda a organização de assistência social” (ANAIS, 1937:789). O médico divulgou as idéias pois tinha a intenção da implementação de políticas públicas sobre o tema. Apresentou o assunto em 13 de dezembro de 1935 na Assembleia Constituinte do Estado do Rio de Janeiro solicitando o cuidado daquela casa para o tema que, segundo ele, teria “providenciado com acerto para a defesa da nossa raça, da nossa sociedade, sobretudo das gerações futuras” (ANAIS,1937:789). A fala de Palmier naquele dia, que transcreverei em parte ao longo desta discussão, demonstra as atitudes que deveriam ser tomadas contra os fatores disgênicos considerados pelo médico: A adoção dos exames pré-nupciais seria responsável por conter a má constituição física dos brasileiros através de restrições e impedimento ao casamento. A pesquisa laboratorial, acompanhada da pesquisa social; e o inquérito iriam funcionar como redutores das anomalias. A questão dos exames pré-nupciais constitui um dos núcleos do movimento eugênico entre nós e foi abordado ainda em 1917 nas primeiras reuniões que promoveram a criação da sociedade eugênica de São Paulo³. A segunda atitude de proteção eugênica adotada no discurso é a esterilização que neste, primeiro momento, aparece sem identificar o indivíduo objeto da ação, apenas os motivos: acabar com as anomalias (surdez e cegueira, entre outras

² ANAIS . Assembleia constituinte do Estado do Rio de Janeiro (1935-1937). 52ª Sessão, em 13 de dezembro de 1935. Oficinas Gráficas do Diário Oficial, Niterói: 1937. p. 790.

³ Na primeira reunião da sociedade, em 1917 , foi discutida a proposta de revisão da legislação matrimonial que permitia casamentos consanguíneos. A maioria dos médicos opôs-se a revisão da legislação, baseando sua negativa em argumentos eugenicos.

identificadas pelo médico). O terceiro campo de ação contra os fatores disgênicos é chamado de delito de contágio, ou seja, a transferência de doenças venéreas (principalmente a sífilis) entre os pais e destes aos filhos.

É preciso lembrar que o Dr. Palmier formou-se em medicina em uma das instituições médicas que mais catalisou, difundiu e reuniu pensadores eugenistas, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Palmier teve como professores nomes que discutiram sobre o tema, como Afrânio Peixoto, Miguel Couto, Fernando de Magalhães, Antônio Austregésilo, Henrique Roxo e Juliano Moreira⁴. Considerando o quadro de alunos da Faculdade de Medicina do Rio, esbarrou nos corredores com o aluno Renato Kehl, que se formou na mesma faculdade três anos antes e será conhecido como principal representante da eugenia no Brasil. O médico, desta forma, esteve em sua formação próximo ao pensamento eugenista, o que influenciou o seu conjunto de idéias e evidencia as principais tendências deste pensamento no Brasil.

Nossos eugenistas estavam mais interessados em explicações sociais do que biológicas, pelo menos até o final dos anos de 1920, quando ganham força no debate eugênico as idéias mendelianas mais ligadas à raça e à minimização dos fatores do meio. A conduta eclética de Luiz Palmier quanto à eugenia reflete uma tendência brasileira e latino-americana (STEPAN, 2004). A análise desta autora mostra uma variante importante do movimento na região, explicada inclusive por Renato Kehl: “sanear é eugenizar” (KEHL, 1932:20); a derivação deste pensamento é devido ao movimento por aqui ser fruto muito mais de idéias neolamarckianas, que associavam hereditariedade com a possibilidade de aprimoramento humano. As ideias da corrente francesa vinculada à noção de que o meio poderia alterar a constituição genética do sujeito, foram muito mais fortes do que a centralidade genética mendeliana. As ideias eugenistas (pensadas a partir da pergunta: como a hereditariedade poderia ser melhorada?) prevaleceram no círculo médico. Não sem sentido nossos médicos gastaram seu tempo a combater aquilo a que Palmier se refere como delito de contágio, ou seja, o impacto das doenças venéreas entre os pais e na prole. Os filhos de tais pais sofriam em virtude de uma inadequação transmitida pela hereditariedade.

⁴ Os nomes destes professores da Faculdade Medicina do Rio de Janeiro são citados por (STEPAN, 2004) e (SANTOS, 2008).

O delito de contágio é incontestavelmente uma outra conquista da civilização. Todos nós conhecemos os meios de propagação da aváriose, sabemos que a sífilis corrói grande parte da nossa população; sabemos que a humanidade deve a esta doença grande número dos seus males. Devemos, portanto, propor nas nossas leis uma medida rigorosa que venha evitar o contágio (ANAIS, 1937: 792).

Palmier, desta forma, pautou suas concepções dentro de um quadro da eugenia que via a melhora nos cuidados higiênicos e na formação (família) como benéficas à hereditariedade. Atuar na formação era também moralizar uma população vista como agregada a males sociais como as doenças venéreas, vícios e pobreza. Nesta perspectiva a eugenia era um problema de saúde pública que deveria ser entendido e convertido em leis pelos seus pares na Assembleia Constituinte do Estado do Rio de Janeiro, lugar onde mais demoradamente tratou do assunto e de forma mais direta. Sua trindade completa: exames pré-nupciais, esterilização e delito de contágio deveriam fazer parte das leis que garantiriam a defesa eugênica de nossa raça.

Como alguns outros eugenistas⁵ brasileiros, Palmier não diferenciou natureza de cultura. Todos os investimentos do conjunto de sujeitos envolvidos com as gerações futuras (país e filhos) eram baseados na inoculação de uma cultura médica, asseio físico, cuidados higiênicos e erradicação dos vícios que iriam influenciar na natureza do brasileiro, aprimorando-a.

A trindade do Dr. Palmier achava razão de ser no pensamento médico-social, pois o ambiente onde viviam era visto como forma potencial de atrapalhar a própria reprodução do brasileiro. Por isso o momento anterior: o nascimento, a seleção dos pais e os cuidados pré-natais foram revestidos de atenção pelos médicos.

Depois de definir a eugenia que recortava o trabalho de Palmier e a direção do movimento por aqui entre os anos de 1900 e 1920 no que a historiografia sobre o tema (STEPAN 1985-2004) e (SANTOS, 2008), estabelecem como caminhos percorrido

⁵ O esvaziamento da sociedade eugênica de São Paulo, devido à morte de Arnaldo Vieira de Carvalho (que era presidente da sociedade) e à mudança de Renato Kehl para o Rio de Janeiro, fez com que os temas eugênicos fossem acolhidos pela Liga Brasileira de Higiene Mental, na qual foi mantida uma seção que desenvolvia o combate à cultura dos vícios, como o do alcoolismo que, segundo o pensamento lamarkiano, era inimigo da raça, porque o vício provocava condições para o crime, delinquência juvenil, prostituição e até mesmo as doenças mentais. As semanas antialcoólicas realizadas pela liga eram uma forma de acabar com a corrupção hereditária (STEPAN, 2004: 340-343).

entre nós: (1)Uma ação mais voltado a questão social agarrado a idéia que saneando era possível mudar, (2)a ênfase na hereditariedade passível de intervenção, (03)os cuidados em torno da procriação, (04)o auxílio a infância pela puericultura, (05)o distanciamento das idéias que a natureza biológica do individuo era uma coisa e a cultura era outra. A eugenia no Brasil poderia muito bem ser identificada por estas características que ao longo da vida Palmier evidenciou.

Entre nós no entanto não existiu um único tipo de eugenia e que o modelo neolamarckiano não reinou absoluto, sem críticas e tentativas de alteração⁶. O Dr. Palmier é exemplo de uma postura eclética, combinando alguns tipos de eugenia comentadas na historiografia sobre o tema.

A eugenia neolamarckiana no Brasil da década de 1920 não foi exclusivamente de estilo “otimista”. A Sociedade Eugênica de São Paulo tinha originalmente dividido a eugenia em três tipos: positiva, que se preocupava com uma procriação sadia; preventiva, que tratava da conquista dos fatores ambientais disgênicos (saneamento); e negativa, que impedia a procriação dos que não tinham saúde (Sociedade Eugênica de São Paulo, 1919:4). Na década de 1920, predominou o interesse na eugenia preventiva, ou saneamento. Ainda assim, os eugenistas brasileiros discutiram algumas vezes o aborto, controle de natalidade e esterilização como medidas eugênicas para controle dos indivíduos inadequados (STEPAN, 2004:352).

Estes segmentos (tipos) também são explorados por (SANTOS, 2008), que monta um quadro sobre os tipos de eugenia que por aqui se desenvolveram:

De maneira bem ampla, podemos definir que os planos de eugenistas e sanitaristas consistiam em eugenia preventiva (controle dos fatores disgênicos pelo saneamento ambiental), em eugenia positiva (educação, incentivo e regulação da procriação dos capazes) e na eugenia negativa (evitar a procriação dos considerados incapazes). O objetivo era modernizar o país e apagar os símbolos da degeneração (SANTOS, 2008:22).

⁶ No fim da década de 1920 no Brasil começaram a surgir divisões no movimento que são importantes notar para se entender o(s) tipo(s) de corrente(s) eugenistas que faziam parte do pensamento de Palmier. A grande divisão que se estabeleceu diz respeito à genética neolamarckiana em oposição à mendeliana, (STEPAN, 1985 ; 2004). Estas oposições fizeram com que as considerações entre eugenia e saneamento fossem sistematicamente atacadas a partir da década de 1930, influenciando inclusive uma mudança de postura de eugenistas históricos como Renato Kehl (SANTOS, 2008), O próprio Kehl não mais se satisfez com a ideia de que reformas higiênicas alterassem a constituição hereditária do brasileiro. A questão da raça minimizada nas discussões brasileiras passa a fazer parte do cerne da questão e esta revisão se dá pela atualização de nossos eugenistas com o que era escrito na América do Norte, Alemanha e Inglaterra; refutando as idéias neolamarckianas, a corrente mendeliana fazia questão de enfatizar a distinção entre herança genética e social, dando maior valor à hereditariedade biológica na vida humana.

Ambiente salubre, alimentação, instrução e alcoolismo não influenciavam o patrimônio hereditário dos indivíduos como era amplamente considerado.

Desta forma, Palmier assumiu tipos de eugenia que oscilavam entre positiva, preventiva e negativa. As medidas dos exames pré-nupciais e o cuidado com os delitos de contágio o tornavam integrante dos dois primeiros tipos, que eram fundamentados em uma ideia preventiva, como exemplifica Kehl:

A eugenia preventiva constitui o que se poderia denominar propriamente de higiene da raça, preocupa-se de preveni-la das doenças dos males econômicos e sociais e dos venenos degeneradores. Tem em mira as questões da higiene pré-natal, de puericultura, de higiene e educação sexual (KEHL, 1929:154).

Percebido como eugenista positivo e de conduta preventiva, vale prosseguir apresentando mais trechos do discurso de Palmier:

SR. LUIZ PALMIER: Igualmente outro assunto importante é o relativo ao serviço pré-natal... É de toda conveniência que esses serviços sejam propagados por todos os recantos do Estado e não só na nossa capital, para que assim não se atire, sobre o governo, a pecha de fazer uma exceção odiosa. Trata-se de um serviço digno de atenção, assim como também o da educação sexual. E educação sexual é outro problema que deve ser incluído ao lado destas medidas. Sei perfeitamente que há quem combata a educação sexual. Entretanto ela deve figurar até nos programas escolares. Deve ter o seu início no lar, deve acompanhar a criança, através da escola, para que no período da adolescência compreenda melhor o valor desses conhecimentos... Passando a eugenia, iremos lógica e naturalmente à puericultura. A puericultura é o fator máximo para desenvolvimento da saúde da nossa infância. Devemos iniciar essa puericultura desde os serviços pré-natais, em que cursos devem ser feitos durante a assistência que o Estado presta às mulheres gestantes. Nestas condições já esses elementos seriam coordenados para que depois prosseguissem no próprio lar ou em estabelecimentos especiais, principalmente nos lactários e nas creches (ANAIS, 1937:792-793).

Os exames pré-nupciais foram atraentes aos eugenistas, pois era uma prática dentro do controle da natalidade. Tais exames resolveriam dois pontos da trindade defendida por Palmier: prevenir a mulher dos crimes de delito, com suas contaminações venéreas e a proteção a infância dos efeitos das infecções, e a consaguinidade dos pais. Isto evidenciava duas ações eugênicas: a formação de uma família brasileira saudável e restrições ao casamento dos doentes. “A intromissão do estado na vida privada via imposição de uma legislação que proibisse o casamento dos doentes contagiosos e a exigência de algum tipo de exame pré-nupcial sempre estiveram presentes nas casas legislativas estaduais ou no legislativo federal” (STEPAN, 2004:351). Refere-se projeto de lei, oferecido pelo deputado Amaury de Medeiros, que exigia exames pré-nupciais como forma de uma eugenia positiva.

A defesa da raça e do Estado, através da proteção das crianças, (...) O casal higiênico deveria constituir-se com este objetivo. Por esta razão, a seleção do parceiro conjugal tornou-se uma questão capital para a higiene. A saúde do filho não dependia apenas do trato que lhe fosse dado após o casamento. Ele estava condicionado à saúde dos pais: O

futuro dos filhos está ligado à vida anterior dos pais, e condição física dos mesmos. Os pais dotados de uma constituição forte e de uma saúde vigorosa adquirida por sábios preceitos engendrariam filhos robustos e vigorosos (COSTA, 1983:219).

Se discurso ou parte deste conforma Palmier ao tipo positivo e preventivo, há um outro que demanda atenção. O Brasil foi rico em subtipos de eugenia. Para (STEPAN, 2004), foi o primeiro país a ter um movimento organizado e pautado na mobilização pelo aprimoramento do brasileiro por meio de uma política social.⁷ Nosso eugenismo vem do desejo de projetar o país e definir a nossa realidade e encontrar soluções nossas aos problemas brasileiros. Diante do ecletismo da obra de Palmier, o lugar do tipo negativo na sua ação médico-social (a esterilização) não deixa claro quem seria alvo desta medida, devendo ser respondidas ao longo do estudo sobre o movimento eugenista e sua vida, para entender como este tipo de eugenia que pregava o controle dos indivíduos inadequados era recebido e processado pelo médico. Um dos professores de Palmier na FMRJ pode servir de exemplo como defensor desta teoria: o diretor do Hospital Nacional dos Alienados. O Dr. Juliano Moreira era franco defensor da esterilização de mulheres com diagnóstico do desajuste sexual conhecido como síndrome da perversidade (ABHM,1931:246-27).

O assunto era tão espinhoso à época que Palmier admite “que as idéias eram então avançadas e combatidas por ora. A própria legislação alemã era por demais rigorosa para o momento, mas que no futuro seriam toleradas e admitidas e adotadas por outros países” (ANAIS, 1937: 790). Caminhando em um percurso que o médico faz questão de deixar claro que está impregnado de sentimentalismo e buscando tornar natural o assunto na assembleia constituinte “para leigos que por ventura leriam nossos anais” (ANAIS, 1937: 790), ele usa um exemplo presente no discurso médico: afirmar que os próprios índios praticavam o aperfeiçoamento da raça, recurso usado por outros médicos, como José Martinho da Rocha, que escreveu em 1947 a “Introdução à História da Puericultura e Pediatria no Brasil”.

⁷ Segundo (STEPAN, 2004), após a libertação dos escravos e o início da primeira República, as elites brasileiras se viram cada vez mais chamadas a pensar a identidade racial brasileira baseada nas interpretações racistas sobre o país vindas da Europa. Os cientistas europeus citados por Stepan (Buckle, Kidd, Le bon, Gobineau e Lapouge) explicavam o Brasil pela inferioridade dos negros, a degeneração dos mulatos e a decadência tropical. Éramos para estes um povo incapaz de um desenvolvimento devido à composição social de nossa raça.

Nossos índios, como afirmam vários de seus apreciadores nos primeiros séculos, eram todos de boa aparência física, fortes e harmoniosos, não se encontrando entre eles aleijados - relatou Lèry sobre os Tupinambás “porém mui fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos disformes, aleijados ou doentes (...) Rarissimamente se acha entre eles torto cego, aleijado, mudo corcovado, ou outro gênero de monstruosidade: coisas tão comuns em outras partes do mundo.” Este mesmo fato impressionou o naturalista Maregrave, mas talvez seu capital fundamento nos tenha registrado ainda Anchieta (Carta XVI) que aliás também acentua a raridade dos prematuros entre os indígenas. A maneira dos lacedemônios (Henrique, não será macedônios?) que atiravam pela escarpa do monte Tygetos aleijados, os tamoiros enterravam vivos a todos os que nascem com alguma falta ou deformidade, e por isso mui raramente se acha algum côxo, torto, ou mudo nesta nação (ROCHA,1947:25).

A estratégia de Palmier é também olhar a prática do infanticídio indígena como uma preocupação com a defesa da raça e por isso ele próprio em discurso na Assembleia Constituinte do Estado do Rio de Janeiro usa os relatos do Padre José de Anchieta em 1560.

SR. LUIZ PALMIER: (...) Se quiser tratar aqui do assunto com mais largueza e através dos tempos poderia trazer aqui a idéia que os nossos índios fazem do assunto, embora sob modo empírico, porém muito prático.

O Sr. Ruy de Almeida: Quer V. Excia. dizer que os índios são eugenistas?
O SR. LUIZ PALMIER: São por natureza. Cito o trecho da carta do Padre Anchieta, mandada de São Vicente, em 1560 para Portugal, em que ele diz, referindo-se aos nossos índios:

“Destes brasis direi que quase nenhum se encontra entre eles afetado de deformidade alguma natural; acha-se raramente um cego, um surdo, um mudo, ou um coxo, nenhum nascido fora de tempo. Todavia, há pouco tempo em uma aldeia de índios, a uma ou duas milhas de Piratininga, nasceu uma criancinha, ou antes um monstro cujo nariz se estendia até o queixo (...) tinha boca abaixo deste, os peitos e as costas semelhantes ao lagarto aquático, coberto de horrendas escamas, as partes genitais perto dos rins; a qual seu pai assim que nasceu fez enterrar vivo”.

(...) Ao citar esse documento célebre em que me baseei, a carta de Anchieta mandada de São Vicente em 1560 a Portugal, quero justamente estabelecer um paralelo entre a sociedade indígena selvagem daquela época e a em que vivemos, onde pululam os cegos, os surdos, os mudos e todos quantos são atacados por anomalias. (ANAIS, 1937:792-793).

A naturalização da ação de conter os indesejados faz parte de uma mesma questão: como tratar do contingente atacado pelas anomalias. Este conteúdo aparentemente leva Palmier à via da eugenia negativa que estava disposta a esterilizar para eliminar um conteúdo racial indesejável, levando-nos ao equívoco de pensar nas correntes negativas alemãs diretamente ligadas ao nazismo. Ações eugenistas consideradas negativas sempre estiveram em ação na Suécia até os anos de 1970, mantendo a prática da esterilização compulsória, e os EUA, em 1906, tinham uma política pública que comportava a esterilização dos homens e mulheres⁸. Entretanto,

⁸ Na apresentação da questão, Palmier afirma que entre os países que têm políticas públicas de esterilização consolidadas estão a Suécia e os Estados Unidos. A informação é corroborada pelo

entre nós devemos considerar um elemento importante em relação a esta idéia, pois por aqui o sentido da eugenia era a cura da doença que era vista como empecilho da raça. Claro que entre nós quem era mais visitado pela doença eram os pobres e estes eram negros e mestiços, que acabava virando o ponto de congruência entre raça e classe social em que a eugenia entre nós transitava. Os elementos disgênicos faziam parte da vida do sujeito pobre, ignorante, vicioso, alcoólatra, sífilítico e imoral. O controle da natalidade vinha acompanhado da restrição à procriação, mesmo levando em conta que existiam correntes muito atuantes que defendiam a inferioridade de uma ou outra raça. O debate estava na eliminação da doença na classe pobre, composta por uma ou outra raça, fruto da hibridação (mestiço) e não na eliminação da raça. Vale lembrar mais uma vez que “eugenizar era sanear” (KEHL,1923:20).

A chave da interpretação da eugenia em Palmier é considerá-la atrelada à ideia de cuidados com a saúde pública e com a assistência social, relacionada ao postulado de sanear e higienizar as populações para conter a doença. Se a doença não surge, a vitória da raça era fruto da ação positiva e preventiva, argumento compartilhado entre os médicos.

Belisário Pena e Arthur Neiva, em 1913, empreenderam uma longa jornada pelo interior do Brasil, chegando à conclusão que o Brasil estava doente, atacado pela ancilostomose, pela doença de chagas, pela malária e pela má nutrição (NEIVA E PENA,1916). Esta constatação fez com que um grupo de intelectuais montasse uma caricatura pessimista para evidenciar o problema e buscar soluções para o que se convencionou chamar de século da doença. Não que ela nunca tenha existido, que o dezenove não tenha sido (também), é que naquele momento a doença era vista como um empecilho ao projeto moderno de nação pautado em uma via técnica, científica e urbano-industrial que viabilizaria o progresso da nação.

Houve uma querela na 18ª sessão da Assembléia Constituinte do Estado do Rio de Janeiro por conta desta concepção de século da doença, uma forma de expressão implantada pelo movimento sanitário que criava um modo de se falar do Brasil. Tudo

estudo de (SANTOS, 2008) quando argumenta sobre a existência de uma política de esterilização de longa data e bem estruturada no aparelho público fora da Alemanha, notadamente (e erroneamente) marcada pela ideia de exemplo de uma eugenia negativa.

começou quando a certa altura do discurso de Palmier sobre proteção à infância no Estado do Rio de Janeiro o colega de assembléia, deputado Mário Alves, fez referência a certa altura à frase do médico Miguel Pereira: “O Brasil é um Grande Hospital”. A disposição que seguiu em discutir a frase do médico traz consigo um esforço de interpretar esta imagem de Brasil confirmando-a ou mesmo buscando superá-la.

O SR. LUIZ PALMIER:(...) O que nós verificamos é que esses serviços devem ser o mais possível espalhados a todos os recantos da nossa terra, principalmente, pelas aldeias e zonas rurais, onde ainda não chegou a atenção dos governos, onde ainda não chegaram recursos médicos (apoiados), e onde as populações vivem no maior esquecimento, como verdadeiros abandonados (apoiados) e proscritas de todo e qualquer amparo oficial.

O Sr. Mário Alves: o que justifica plenamente a frase de Miguel Pereira: o Brasil é um vasto hospital.

O SR LUIZ PALMIER: Infelizmente, Sr. Presidente, eu não quis e não tive oportunidade de protestar contra a frase de Miguel Pereira, que eu mesmo ouvi quando acadêmico e aluno do grande professor. Ele, em um gesto de entusiasmo, querendo focalizar o assunto e chamar para ele a atenção, já não direi do público brasileiro, mas dos seus colegas professores, dos alunos e do governo, com nitidez a sua célebre frase: “O Brasil é um vasto hospital”(…). o grande cientista com esse pessimismo momentâneo conseguiu despertar o patriotismo do brasileiro e das administrações para a criação de serviços de higiene que deveriam ser instalados em todos os Estados do Brasil.

O Sr. Mário Alves: O sentido não é só literário. Eu que conheço grande parte do interior do Brasil, posso dar o meu testemunho de que a frase tem certo cabimento científico.

O SR. LUIZ PALMIER: Eu considero a frase no seu sentido rigorosamente literário; ela tem, principalmente, a nitidez de um alarme, de um brado de armas que devia servir, como disse há pouco, e realmente serviu para chamar a atenção do governo central e das administrações locais para um serviço que devia ter merecido, há mais tempo, o carinho oficial (ANAIS 1937: 167-168).

A solução do problema vital, que para a intelectualidade modernizadora estava em reverter o quadro da doença, encarnava uma ação eugênica e sanitária, impulsionava tantos debates que, no caso da sessão de 16 de outubro na Assembleia Constituinte do Estado do Rio de Janeiro, os deputados estaduais se esforçavam para dar sentido à frase do Dr. Miguel Pereira e a chegar a uma conclusão se éramos ou não um grande hospital. A questão era tão crucial que até mesmo o caboclo da narrativa de Monteiro Lobato foi chamado a solucionar a questão:

O Sr. Romão Júnior: A frase “o Brasil é um vasto hospital” teve, naquela época, integral aplicação, criticava os arroubos de oratória de um ilustre parlamentar que declarava: se fosse preciso, ele iria despertar os caboclos do sertão. Grande decepção lhe estaria reservada; ou essa gente brava não se levantava, inválida, esgotada pela

anchilostomose e pela malária, corroída pela sífilis e chupada pela fome ou si se levantasse não compreenderia porque a Pátria, que sempre tudo lhe negou, pedia-lhe então a vida.

O SR. PALMIER: (...) Eu, como já disse, considero a frase do ilustre Miguel Pereira como um grande grito de alerta e é justamente este o significado tanto mais quando Miguel Pereira, com sua reconhecida capacidade, com autoridade de professor do maior prestígio, na época pôde assim clamar entre os governantes pela solução urgente de um problema e o problema foi desde esse momento encarado com precisão, tanto assim que tivemos o grande trabalho, jamais negado, realizado por Belisário Penna, que espalhou postos de higiene por todo o interior do Brasil, os quais têm produzido os melhores resultados práticos (ANAIS, 1937:169).

O inventário de (PENA e NEIVA 1999) fez parte de um momento em que intelectuais brasileiros ampliaram a questão da doença, não apenas circunscrita aos centros urbanos à época, que mal ou bem já sofriam intervenções sanitárias, porém não representavam a realidade do espaço onde o brasileiro vivia; éramos rurais e nossos sanitaristas foram impelidos a olhar o interior, lugar de residência da maioria dos brasileiros, lugar das habitações de sapé e das endemias (malária, febre amarela, doença de Chagas). A terra do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, espécie degenerada, adaptado ao meio, indolente, incapaz de participar da política, exemplo da pobreza, atraso, má nutrição, falta de saneamento e irremediavelmente um doente.

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos pálidos e tristes. (...)
Jeca era tão fraco que quando ia lenhar vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado como se estivesse carregando um enorme peso.

- Por que não traz de uma vez um feixe grande?, perguntaram-lhe um dia. Jeca Tatu coçou a barbicha e respondeu:

- Não paga a pena.

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de fruta, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.

- Por que você bebe, Jeca? Diziam-lhe.

- Bebo para esquecer.

- Esquecer o quê?

- Esquecer as desgraças da vida.

E os passantes murmuravam:

- Além de vadio, bêbado...(LOBATO, 1951:329-330)

O Jeca é um tipo de personagem que se presta a oferecer imagem a um Brasil do seu tempo, martirizado pela doença. Estrutura uma narrativa e evidencia uma vontade enorme de achar as causas dos problemas do país, revertendo as ideias políticas surgidas na Europa, em que o clima, a raça e a localização dos grupos humanos determinariam a

evolução ou atraso de uma sociedade. O problema vital⁹, como se referiu Monteiro Lobato em 1918, era a doença. Tais causas aparecem no texto, fazendo aparecer inúmeras correntes de intelectuais debruçados em pensar o país. O Jeca, no entanto, sempre espreitou o pensamento social brasileiro, foi usado por Rui Barbosa e fez parte das campanhas sanitaristas de Miguel Pereira, que acabou conformando uma ideia de restauração: “O Jeca não é assim, está assim” (LAJOLO, 1985: 42) e resume a questão colocada pela intelectualidade modernista dos anos de 1920.

O jeca não é assim, está assim, é de forma lapidar que resume o reequacionamento lobatiano da questão. Em uma série de artigos publicados em O Estado de S. Paulo (que contou com o patrocínio da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-saneamento do Brasil), Lobato denuncia a ancilostomose, a leishmaniose, a subnutrição e a tuberculose como causas da miséria do caboclo (LAJOLO, 1985: 42).

O eugenismo torna-se necessário à resolução da equação posta por Lobato. O alcoolismo do Jeca, que, além de vadio, era bêbado, reflete as campanhas anti-alcoolismo da Liga Brasileira de Higiene Mental, relacionado à ideia eugenista de que o vício pelo álcool era prejudicial à hereditariedade do indivíduo. Cuidados sanitários, nutrição e hábitos de higiene e a constatação da existência de micróbios que parasitavam o homem de conduta anti-higiênica evidenciam um entusiasmo microbiológico presente em certa medida também em Palmier, que atuava entre o final dos anos de 1920 e os anos de 1930 como professor de microbiologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro. A constatação e a ação contra os parasitas influenciariam o Jeca a sair do marasmo patológico em que vivia, resguardando-o e a sua prole das doenças. O personagem de Lobato personifica a eugenia neolamarckiana, que via a ação sanitária/social como forma de regenerar o Brasil e influir sobre a hereditariedade. Monteiro dá sentido à visão do eugenismo social, por nós muito mais forte que a geneticista, não reformando o Jeca, como afirma (LAJOLO, 1985), mas evidenciando o sucesso da ação da eugenia sanitária dos anos de 1920 à luz das campanhas de saúde pública brasileira contra as endemias rurais. A resposta de Lobato é demonstrar o resultado das campanhas sanitárias rurais: a regeneração do personagem pelo espírito científico que o faria emergir da miséria; regeneração que aquela geração de intelectuais via ligada pelo binômio saúde e educação. No caso do caboclo de Lobato, foi-lhe

⁹ Em 1918, Monteiro Lobato publicou O Problema Vital, reunião de uma série de artigos veiculados no jornal O Estado de São Paulo, que buscam outro caminho para a análise do homem rural brasileiro a partir de um diagnóstico médico-social.

ministrada a primeira medida. Tal coroamento se dá pelo aparecimento do Jeca Tatuzinho, que narra a história de um jeca curado, com disposição para o trabalho, largando a vida de vadio, tornando-se ao final da história um coronel preocupado em expandir suas terras¹⁰. A própria construção do Jeca atuou desconstruindo a retórica romântica da literatura brasileira no processo de idealização das minorias, elaborando seus contos não pela visão sentimental dos tipos épicos e ferozes, mas atribuindo o ridículo, a falta disso ou daquilo, um porta-se fora de uma ordem estabelecida por artifícios do progresso.

A frase do Dr. Miguel Pereira, que causou tanto furor sanitário e disposição, tendo uma repercussão tremenda e precedendo a criação do personagem-paciente (Jeca), narrador do estado de doença e do processo regenerativo proporcionado pela ciência, fez melodia nos ouvidos de uma geração de médicos que no início da Primeira República se interessaram em descobrir o Brasil, diagnosticá-lo e oferecer tratamento a ele. Os dois intelectuais que, à sua maneira, ofereceram recursos à ação sanitária rural compartilhavam também do mito motivador da frase de Pereira.

Foi depois dessa viagem [da expedição] que me capacitei de ser completa a ignorância de nossa gente, letrada e iletrada, de comezinhos preceitos de higiene, a causa primordial da doença endêmica multiforme e generalizada com predomínio das verminoses, do impaludismo e da sífilis, que deprimem e degeneram, física, mental e moralmente a nossa gente macabramente agravada pela cachaça, trapaça e desgraça (...) Desde então aguarda uma voz autorizada bradasse a verdade, para sair a campo com os dados colhidos em todas as regiões do país. Essa foi a de Miguel Pereira em outubro de 1916, dizendo ser o Brasil um imenso hospital (...) Desde então, saí a campo pelo Correio da Manhã, escrevendo uma série de 13 artigos sobre saneamento rural, reunidos em 1918 - Saneamento do Brasil cuja imensa repercussão devo sobretudo a sua pena vigorosa na série de artigos no Estado de São Paulo comentando-o, e enfeixados depois no Problema Vital¹¹.

A questão de ser ou não um hospital põe em evidência a rejeição a um determinismo negativo - clima, raça e geografia. O próprio Lobato respondia a questão com sagacidade: “(...) Por que o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial, é preferível optarmos pela doença” (LOBATO, 1957: 297). Apesar dos pesares, da

¹⁰ O texto do Jeca Tatuzinho foi feito em um formato de cartilha agregado a uma ação moderna de publicidade, que fazia com que ele circulasse junto a um produto farmacêutico Fontoura, um vermífugo e fortificante. Acabou tornando-se um modelo explicativo da própria ação médico-sanitária no Brasil.

¹¹ Carta de Belisário Penna a Monteiro Lobato em 1928. Fundo Pessoal Belisário Penna, COC/Fiocruz.

doença e do atraso, o homem brasileiro para os nossos cientistas eram racialmente aproveitável.

O pensamento eugênico de Palmier, por sua vez, ultrapassa a idéia sanitária, dos anos de 1920, sem negligenciá-la, sendo possível entendê-lo como uma etapa, mas estava em sintonia com algumas demandas do movimento eugênico colocadas ao seu tempo: doença, saneamento, regeneração e viabilidade do brasileiro. Respondia a questão de como oferecer à nação sujeitos eugênicos, encarado pelo médico como uma tarefa de assistência médico-social presente na forma: exames pré-nupciais, esterilização e medidas contra os delitos de contágio que evidenciam uma outra etapa do nosso movimento eugênico, não mais centrado nas ações sanitárias e na discussão da viabilidade do brasileiro, mas preocupado em afastar da procriação fatores prejudiciais à nossa eugenia. A isto foi necessário a aplicação de uma dose de educação ao povo para preveni-lo dos fatores disgênicos. Uma educação imbuída de transmitir ensinamentos higiênicos que modelariam os hábitos e influenciariam na constituição da família eugênica entre nós encarada como uma ação contra os elementos disgênicos.

Documentos:

Arquivos Brasileiros de higiene mental. Periódico da Liga Brasileira de Hygiene Mental. Rio de Janeiro: 1931.

ANAIS . *Assembleia constituinte do Estado do Rio de Janeiro*(1935-1937).52ª Sessão em 13 de dezembro de 1935. Oficinas Gráficas do Diário Oficial, Niterói: 1937.

Carta de Belisário Pena a Monteiro Lobato em 1928. Fundo Pessoal Belisário Penna, COC/Fiocruz.

Bibliografia:

COSTA, Jurandir Freire. *A Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura. uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo*. São Paulo Contexto.

KEHL, Renato. *Limitação da Natalidade. Boletim de Eugenia*. 1929.

-----, *A cura da Fealdade. Eugenia e medicina social*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasilense. 1985

LIMA, Gérson Zanetta de. *Saúde escolar e educação*. São Paulo: Cortez, 1985.

LOBATO, Monteiro. *Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense.1957.

NEIVA, Artur e PENA, Belisário. *Viagem Científica: pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1999.

ROCHA, José Martinho da. *Introdução a história da puericultura e pediatria no Brasil*. Rio de Janeiro, 1947.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Pau que nasce torto, nunca se indireita! E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl(1917-37)*. 2008. f.257. (doutorado em história) Universidade Federal Fluminense, Departamento de História.

SETEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil. IN: *Cuidar controlar, curar: ensaio histórico sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. (Org.) Gilberto Hochman. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.